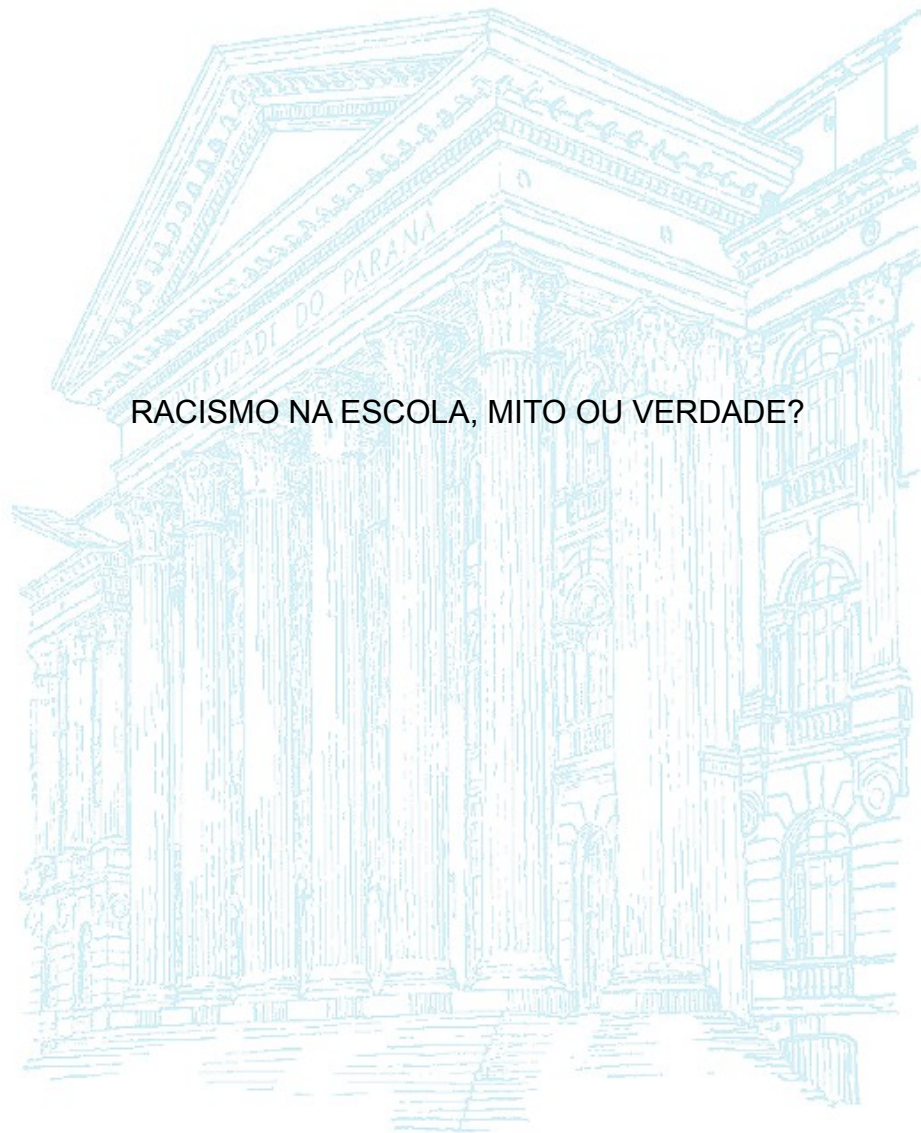


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

EDINALVA DE ALMEIDA NUNES DOS SANTOS



RACISMO NA ESCOLA, MITO OU VERDADE?

Lapa
2016

EDINALVA DE ALMEIDA NUNES DOS SANTOS

RACISMO NA ESCOLA, MITO OU VERDADE?

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof.^a Ana Christina Duarte.

Lapa
2016

RACISMO NA ESCOLA, MITO OU VERDADE?

Edinalva de Almeida Nunes dos Santos¹; Ana Christina Duarte Pires².

¹ Professora do Estado do Paraná no CEEBJA PROFESSORA ZILOAH DE MOURA CARVALHO – EFM. E mail: edinalvanunes90@gmail.com

² Docente da Universidade Federal do Paraná. E mail: anachristina@ufpr.br

Resumo: Este trabalho apresenta uma pergunta típica do sec. XXI: “Racismo na escola mito ou verdade”? Em um país democrático com tantas conquistas, isso seria possível? Será que o ambiente “em que se vive” não é cercado por preconceito, as crianças são tratadas com igualdades no convívio social? Ou o racismo está inserido de forma implícita no ambiente escolar? Mesmo em tempos tão modernos ainda vivemos com diversas formas de preconceito, como por exemplo, o racismo. Apresentado fatos os quais foram analisados dentro de escola do interior, no município de Contenda na qual a maioria das crianças é de raça branca. A proposta deste trabalho é analisar o dia a dia de crianças e adolescentes, em sala de aula e descobrir se a criança de cor negra é tratada com igualdade pelas demais crianças, ou ainda se ela mesma se considera igual às demais dentro do ambiente escolar e na própria sociedade.

Palavras-chave: crianças; educação; escola; racismo e sociedade.

Abstract: This paper presents a typical question of the century XXI: Racism in the school, myth or truth? Even in modern times, how we're still living with prejudices such as racism. In a democratic country, with so many achievements, it would be possible? The presented facts were analyzed within the countryside school, in a municipality in which most children is white. Will the environment "in which we live" is not surrounded by prejudice, children are treated with equality in social life? Or racism is inserted implicitly in the school environment. The purpose of this paper is to analyze the daily lives of these children and adolescents, in the classroom and find out if the black child is treated equally by the other children, or if she considers herself equal to others within the school environment and in society itself.

Key Words: children; education; racism; school and society.

INTRODUÇÃO

Quando falamos da população negra, fazemos também uma ligação direta com a população LGBT. Quantas lutas da população negra no Brasil, contra o racismo, circulam de forma efetiva dentro da escola, é fundamental discutir essas questões trazidas para dentro da escola. Segundo Freire (1970, p.29) “O oprimido deve tomar frente em sua própria libertação”. “O oprimido tem de desenvolver conscientização crítica... libertar-se e liberar o opressor, que por sua vez, também é uma vítima de herança opressora aprendida intra e entre gerações.”

A cultura africana teve pouco espaço para essa temática dentro da educação básica. Educação plural é necessária para pautar de maneira recorrente e pautiva não só de tempos e tempos, mas constantemente. Colocar em evidencia características positivas dessa raça foram conquistas políticas, conquista de espaço na sociedade. Antigamente o negro ou racismo era diretamente ligado à escravidão, já no séc. XX ser negro esta dentro de um contexto de mudanças muito significativas, logo o conceito de negro na sua origem evolui ao longo dos anos e ao longo das lutas.

Em principio, racismo é a teoria que sustenta a superioridade de certas raças em relação a outras, preconizando ou não a segregação racial ou até mesmo extinção de determinadas minorias. Segundo o dicionário Frances Petit Robert, a teoria racista leva inevitavelmente à necessidade de ser “preservada a raça dita superior de qualquer cruzamento e ao direito de [essas raças] dominar outras”. (BERND, 1994, p. 11).

Ao tratar também da figura da mulher apenas para o olhar na questão do racismo, ela teve um papel fundamental nos movimentos sociais, com diversas campanhas que estimulavam o negro a aparecer na sociedade. Pois essas mesmas mulheres negras eram vitimas de estupro no período da escravidão de forma decorrente. O cabelo crespo, também discute uma questão estética corporal. Os espaços de menor poder, enfim a identidade negra vem acompanhada de racismo. Estudos afirmam a eficiência do racismo no cotidiano brasileiro. É sabido que quanto mais preto for à pessoa mais dificuldade tem de se inserir na sociedade elitizada, no mercado de trabalho, podemos dizer ainda que o racismo no Brasil é disfarçado, a sociedade nega, as pessoas negam, mas na pratica ele acontece, e a escola não foge a regra. Para Cavalheiro (2001) “Falar sobre discriminação no ambiente escolar não é realizar um discurso de lamentação”.

Sempre se procura desumanizar o negro. Criam-se estereótipos de empregada doméstica, sambistas, jogador de futebol, bandido, pobre. Até nos livros didáticos da escola o negro esta associado à imagem inferiorizada, nas publicidades brasileiras existe a ausência de modelos negros e quando aparecem não são protagonistas. Exceto para ridicularizar ou para serem vitimas de racismo como aconteceu com a funcionária e jornalista da rede globo, A meteorologista que foi vitima de racismo nas redes sociais. Pontua Guimarães (1999) que “O racismo é, portanto, uma forma bastante especifica de “naturalizar” a vida social, isto é, de

explicar diferenças pessoais, sociais e culturais a partir de diferenças tomadas como naturais”.

Voltando a falar da escola, no sistema educacional brasileiro o negro mesmo na condição de escravizado, teve acesso à educação de alguma forma, geralmente de forma oral, em seguida houve diversas reivindicações desse grupo durante o regime escravista para terem acesso à escrita. Era proibido que o negro frequentasse a escola então se organizaram criaram suas próprias escolas, logo surgiram às mulheres professoras e em seguida a proibição de contratações desses profissionais. Até hoje existe uma divisão da população negra e a população branca devida a todas essas questões citadas.

Estamos no séc. XXI, momento em que acreditamos já ter vivenciado tudo, ou quase tudo, avanços tecnológicos, doenças jamais vistas, vida em outro planeta, a diversidade de gênero, a mistificação de raças entre outros. E as escolas? Como evoluíram, o ensino nas escolas brasileiras, as leis que garantem escolas para todos, a inclusão social e igualdade para todos? Como o negro é visto na escola e qual a definição para o preconceito?

O indivíduo preconceituoso é aquele que se fecha em uma determinada opinião, deixando de aceitar o outro lado dos fatos. É uma posição dogmática e sectária que impede aos indivíduos a necessária e permanente abertura ao conhecimento mais aprofundado da questão o que poderia levá-los a reavaliação de suas opiniões. (BERND, 1994, p. 9).

Estas questões evoluíram tanto quanto muitas outras coisas. Mito ou verdade que ainda existem pessoas que são discriminadas na escola pelo simples fato de ter uma cor diferente da maioria de seus colegas? Mito ou verdade que pessoas são humilhadas no ambiente escolar por serem negras?

Mesmo no séc. XXI essas questões ainda não evoluíram, infelizmente todos esses questionamentos de mito ou verdade, são verdades, tristes verdades. Em nossas escolas, apesar de alguns acreditarem que o preconceito não exista ou simplesmente fingem acreditar pelo simples fato de não assumir ou se isentar dessa causa. O problema existe e é grave. “É preciso nos conscientizar que nossa sociedade é cheia de preconceito em consequência disso à educação não tem inclusão em sua totalidade, mesmo tendo uma constituição Federal que garante o acesso a todos” (ALVES, 2012, p. 07). O professor, nesse contexto, tem papel fundamental.

Porém, leis sozinhas não bastam, nessa luta o papel do docente é fundamental. O professor deve possuir informações, formação, discernimento e sensibilidade sobre a situação da realidade racial e social no país para contribuição e superação do preconceito e da discriminação. (BRASIL, 1997, p.4)

A dinâmica de tudo isso ainda precisa de conscientização, de criação de novas leis, assim a questão do preconceito dentro da escola poderá transformar o ambiente escolar em um ambiente de igualdade para todos. Segundo Freire (1970) “‘Diálogo autêntico’ é a forma de reduzir esta relação de opressão entre as raças. Conseqüentemente, essa atitude construiria vias de convivência respeitosa em que todos fossem considerados, visando assim a um plano de bem estar comum [...]”.

Assim encontraremos soluções para tanta desigualdade, para tantas guerras que na verdade são totalmente desnecessárias.

OBJETIVO GERAL

Mostrar que ainda convivemos com a questão do racismo fortemente presente dentro das escolas, e que milhares de crianças sofrem diariamente com esse absurdo.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Avaliar o comportamento de crianças dentro da escola que sofrem preconceito; avaliar como é tratada a questão do racismo nas escolas do interior, se essa questão realmente transita no âmbito escolar e como é tratado o problema; buscar entender e apresentar as diversas maneiras as quais os educadores tratam essa temática; enumerar a quantidade de crianças que sofrem com a questão do racismo dentro da escola e buscar dados e fatos que permeiam o ambiente escolar sobre racismo.

METODOLOGIA

Para apresentação do Trabalho de conclusão de curso (TCC) do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola foi aplicada a metodologia de pesquisa “qualitativa”. Este tipo de trabalho verifica a relação da realidade com o objeto de estudo, obtendo várias interpretações de uma análise indutiva por parte dos pesquisados, tendo como referência para esse tipo de pesquisa a autora Maria Cecília de Souza Minayo. Como a realidade vivenciada dentro da escola não vai englobar de certa forma números gerais e o estudo apresentado de maneira global e elaborado dentro de uma realidade vivenciada no dia a dia, a pesquisa qualitativa dará um suporte adequado para conclusão de um trabalho sem distorções e dentro da realidade vivenciada pelo educador.

As estatísticas como, por exemplo, números gerais de raça no Brasil, analisados pelo IBGE serão com certeza utilizada assim como pesquisas de campo, mas apenas como estudo e apoio e base para elaboração. Mas o foco é conduzir todo o processo de elaboração em situações e experiências de alunos que sofrem diariamente com o preconceito dentro e fora da escola. Para isso a metodologia de pesquisa qualitativa oferece o suporte necessário para elaboração de todo esse trabalho.

A experiência de maneira geral foi construída através de análises, relatos e a vivência de crianças e jovens de uma escola no interior da cidade de Contenda, município da cidade de Curitiba, na qual a maioria das crianças é de raça branca. Como mostra o quadro abaixo com dados do IBGE (2010).

Tabela 1 - Dados IBGE 2010

Tabela 2094 - População residente por cor ou raça			
Variável	=	População	residente
(Pessoas)			
Religião = Total			
Ano = 2010			
Unidade	da	Cor ou	
Federação	e	raça	
Município			
Paraná		Branca	7.317.309

Contenda - PR	Preta	328.949
	Amarela	124.279
	Parda	2.647.895
	Branca	11.750
	Preta	557
	Amarela	82
	Parda	3.453

(fonte: www.sidra.ibge.gov.br).

O período de análise se deu a partir do momento da definição do tema para construção do TCC, no mês de Abril do ano de 2015. "O universo de pesquisa" foi um grupo de jovens e crianças que passaram ou presenciaram de alguma forma a questão do racismo dentro da escola.

O trabalho foi realizado através de depoimentos dessas pessoas após assistirem o filme *Escritores da Liberdade* (2007) que conta uma história baseada em fatos reais, um filme inspirador e estimulante que não poupa ninguém. Uma história instigante que envolve adolescentes, criados no meio de tiroteios, agressividade e tensão racial, e uma professora que oferece o que eles mais precisam: uma voz própria. Na sequência descrevem suas experiências e suas opiniões acerca do tema em debate e depois através de um questionário.

O primeiro momento quando o tema foi levado a eles como uma questão social, e solicitado à opinião deles sobre o racismo na escola.

O segundo momento foi a construção de uma opinião sobre esse mesmo assunto, através de um questionário aplicado para cinco alunos. Mas depois de analisarem, pessoas que passaram por situações de constrangimentos, depois de analisarem atitudes e dizeres de pessoas sobre um assunto tão polêmico. Será que suas opiniões permaneceram as mesmas. O espaço de tempo foi de uma semana aproximadamente. Esse questionário trouxe quatro perguntas a seguir:

- 1- Você acredita que existe prática do racismo em nossa sociedade?
- 2- E na escola existe racismo, de que forma?
- 3- Qual sua opinião sobre esse assunto?
- 4- Você se considera racista? Justifique sua resposta.

Os depoimentos são surpreendentes, pessoas que acreditam não existir mais esse problema, perceberam o quanto ainda existe e que muitas pessoas sofrem diariamente com o preconceito dentro e fora da escola.

Nas respostas ao questionário uma chamou a atenção quando aluna M.M. da às seguintes respostas para as perguntas dois e quatro.

2- E na escola existe racismo, de que forma?

“Sim, na escola é o lugar que mais tem racismo, inclusive dos próprios professores que fazem piadas sem necessidade com colegas, nas rodas com amigos sempre sai uma piada e eu que achava tudo isso normal”.

4- Você se considera racista? Justifique sua resposta.

“Eu achava que não era racista, mais depois dessa atividade percebi que algumas brincadeiras que às vezes fazemos com um colega de sala, é uma atitude racista, às vezes se negamos de sentar com um colega para determinada atividade ou pior se me sinto em situação de perigo ao se aproximar um negro mau vestido. Como foi bom, a partir de agora vou rever minhas atitudes e dividir essa experiência com outras pessoas na tentativa de diminuir atitudes como essas. Que só entristecem o coração do próximo”.

Infelizmente ficou claro que o racismo existe de forma muito expressiva dentro das escolas, independente de uma região ter ou não um número de negros maior ou menor em sua população. O fato é que ser negro no Brasil ainda é “motivo de piada”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade realizada com esses alunos em sala de aula serviu para comprovar que o racismo permeia os mais diversos ambientes e que a escola é um desses locais o qual as diversas formas de preconceito ainda acontecem. Alunos ou sociedade percebem claramente essas atitudes racistas, mas não são transformadores de mudanças, afinal a atitude precisa ser de todos, não apenas de um único indivíduo.

Se quisermos uma sociedade livre de qualquer tipo de atitude preconceituosa é necessário discutir, levar a causa adiante, buscar a transformação a desconstrução de todo um mito criado em volta das etnias raciais. Não podemos

silenciar os resultados só acontecem quando juntos idealizamos um mundo melhor, um mundo de igualdade, sem diferenças principalmente de cor ou raça.

Todo esse trabalho foi desenvolvido em torno de uma pergunta sobre racismo, se é mito ou verdade. Ficou claro que está questão esta longe de ser mito e é a mais pura verdade independente da região em que se vive independente do ambiente social e ou qualquer outro fator.

Penso que após tantas conquistas de anos e anos essa problemática permeia toda uma sociedade que muita vezes diz não sofrer ou ofender o “racismo”, mas no fundo suas ações dizem o contrário.

Foi uma experiência grandiosa desenvolver essa atividade, primeiro por ser negra e Também já ter passado por diversas situações constrangedoras, mas como sempre precisei ter jogo de cintura para não se sentir inferiorizada. Posso aqui reforçar tudo que se diz a respeito das dificuldades dessa raça, no ambiente profissional, na escola, e até na igreja, na sociedade como todo.

“Meu cabelo afro, minha cor de pele, quem diria o formato da minha boca com lábios carnudos, o que caracteriza a descendência dessa raça, me faz diferente de um cabelo liso, uma pele branca e uma lábio fino”. “Como seres humanos eu seria menos por essas características”? Minhas oportunidades diminuiriam? Minhas conquistas se arrastaram por essas diferenças, mas quem é igual nesse mundo? Quem tem as mesmas características, os mesmos pensamentos enquanto pessoa /cidadão.

“Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estão falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos, como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados...” (CARNEIRO, 2002)

A diversidade é o maior tesouro desse mundo é a partir daí que se fazem novas descobertas, novas conquistas, que a socialização começa a fazer sentido e que se discutem as diferenças. Nieto (1996, p. 313) apresenta a ideia de que essa

“afirmação da diversidade se faz possível por meio de um sistema educacional multicultural...”. Porém a desigualdade racial ou outra não deve interferir nesse “efeito mágico” da humanidade, todos temos o direito de ir e vir. A igualdade precisa ser plural, precisa ser respeitada por todos e para todos.

Mas penso que o caminho para o fim desses percalços é sem dúvida a conscientização de toda a sociedade, é a reflexão sobre todas as suas atitudes é assim que as novas gerações poderão tratar assuntos como esse somente na disciplina de história, pois na prática a sociedade estará equilibrada, com uma democracia verdadeira.

“O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mistificante. É práxis, que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (Paulo Freire, 1970, p. 87).

A transformação encontra-se no interior de cada um, a responsabilidade do fim, e de um começo é do ser humano consciente e capaz de transformar a sociedade em um mundo de diversas diversidades sem nenhum preconceito. Capaz ainda de reconhecer suas atitudes e refletir sobre todas elas na busca de uma melhora constante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram tratadas nesse trabalho se a questão do racismo na escola é considerada mito ou verdade. E ao longo de diversas pesquisas, análises dentro da escola, depoimentos de alunos, conclui que ainda temos diversos fatores de permeiam a questão do preconceito em nossa sociedade e no ambiente escolar. Após diversas reflexões passei a ter certeza que nos educadores temos total responsabilidade sobre a conscientização e porque não dizer da exclusão do racismo dentro das escolas. Devemos trabalhar com afinco na conscientização de

nossas crianças e não devemos desistir diante das adversidades educacionais e sociais. É preciso ter consciência que o caminho é longo, mas que vale a pena. "O preconceito nos acompanha todos os dias" afirma Araújo (2015). É preciso perceber que pessoas sofrem todos os dias e permanecem em silêncio para não sofrerem ainda mais, essas mesmas pessoas levam essas questões de ataque a sua integridade por anos, muitas adoecem ao longo da vida e até morrem sem entender o porquê passaram por constrangimentos. Pergunto-me se isso é justo, e se as oportunidades fossem iguais? Teríamos uma sociedade melhor? Não tenho dúvidas que sim e que é através da educação que formaremos cidadãos conscientes, críticos e dispostos a debater essa problemática que insiste em permanecer em nossa sociedade.

É por esse e tantos outros motivos que a educação é fundamental para tratarmos todos com igualdade, para entendermos que ninguém é menor ou maior que o outro e por fim, todos devem ser respeitados, sem preconceito e sem desigualdade. "A reflexão sobre nossos próprios valores, crenças e comportamento é imprescindível para compreendermos o racismo, a discriminação e o preconceito racial na sociedade, bem como seus efeitos em nossas vidas." (CAVALHEIRO 2001).

Racismo na escola? Por que ainda existe? Por que ainda se fala? Por que ainda se faz? Tantas perguntas ainda sem respostas. E ainda tenho mais uma: Até quando?

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Antônio e Eliana, pelo apoio, dedicação e cumplicidade. A meu esposo pelo companheirismo e pelos momentos de reflexão sobre o tema. Aos professores do curso de Gênero e Diversidade na Escola pelo suporte perante as dificuldades e pelo apoio para conclusão de todas as etapas do curso bem como todos os desafios propostos. Meu muito obrigado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Cynthia Cristia de Souza. **O racismo na escola e o combate com ações pedagógicas**. 2012. 18 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2012.

ARAUJO, T. Programa altas horas. Rio de Janeiro, Rede Globo, 07 nov. 2015. Entrevista a Sérgio Groisman.

FREIRE, P. **A pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paulo, 1970.

BERND, Z. **Racismo e Anti Racismo**. Coleção Polemica. São Paulo: Moderna, 1994, p. 9,11.

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARNEIRO, S. **Mulher Negra**. São Paulo: Sueli, 2002.

CAVALHEIRO, E. Dos Santos. **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Eliane, 2001.

ESCRITORES da Liberdade. Direção de Richard Lagravenese. Intérpretes: Hilary Swank, Patrick Dempsey e Ricardo Molina. [s.i.]: Paramount Pictures, 2007. P&B.
BRASIL. Maria Mostafa. MEC (Ed.). **Gênero e Diversidade na Escola: Formação de Professoras/es em Gênero, Sexualidade, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SPM, 2009.

GUIMARÃES, A. S. Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Antonio, 1999.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=2094&z=t&o=1&i=P>. Acesso em 07/12/2015.

MINAYO, MC. De Souza. **Caminhos do Pensamento: epistemologia e método.** Rio de Janeiro: Maria Cecília, 2008.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola.** Ministério da Educação, 2005.

NIETO, S. **Affirming diversity: the sociopolitical context of multicultural education.** Nova York: Nieto, 1996.

PARANÁ. Dayana Brunetto Carlin dos Santos e Débora Cristina de Araujo. Secretaria de Estado da Educação do Paraná (Org.). **Sexualidade.** Curitiba: Seed/pr, 2009.

SIERRA, J. Cabral; SIGNORELLI, M. Claudio (Org.). **Diversidade e Educação: intersecções entre corpo, gênero e sexualidade, raça e etnia.** Matinhos: UFPR Litoral, 2014.